

A EXIGUIDADE DAS ÉTICAS TRADICIONAIS PARA COM O AGIR HUMANO TRANSFORMADO PELA TÉCNICA NA ÓTICA DE HANS JONAS.

VINICIUS BRITTO MORAES¹; ROBINSON DOS SANTOS².

¹Universidade Federal de Pelotas – vinicius_britto.moraes@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dossantosrobinson@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar alguns pressupostos teóricos desenvolvidos pelo filósofo contemporâneo Hans Jonas, essencialmente o que tange sua Opus Magnus, O Princípio Responsabilidade; com foco precisamente na problemática em torno da questão da técnica e das críticas às éticas tradicionais levantadas pelo autor no transcorrer da obra. Acerca do problema da técnica e de suas implicações éticas – pontos estes que serão nucleares neste trabalho – uma questão nevrálgica destaca-se: seria possível um novo agir humano, transformado pelas novas circunstâncias e meios do mundo moderno, que ao tomar proporções nunca antes imaginadas de causa e efeitos, continue a ter como “bússola” de orientação moral a antiga ética tradicional? É em torno desta discrepância da práxis do homem moderno para com os princípios que a regem, que Jonas propõe a ética da responsabilidade, *uma ética para a civilização tecnológica* – conforme o título do livro indica. A proposta encontra justificativa, tendo-se em vista a hodierna natureza agente da civilização, que transfigurada pelo tecnicismo pós-revolução industrial, não pode mais ser abarcada pelos velhos imperativos da antiga tradição moral. Isto é, ao examinar-se a ação humana regida pela técnica moderna, é evidente a enorme dimensão de sua mudança em cotejo a ação que precede essa regência; tanto no que tange a ampliação ilimitada do poderio dessa ação técnica, como na carência de perspectivas dos impactos da mesma, problemas esses, que não são resolvidos satisfatoriamente com os encanecidos preceitos morais clássicos, pois eles se dirigiam a uma natureza humana já obsoleta equiparada à condição atual.

Por conseguinte, a investigação tem como objetivo inicial, estabelecer em que termos Jonas aborda o que ele denomina de *natureza modificada do agir humano*, ou dito de outro modo, pretende-se esclarecer o significado desta expressão e examinar os argumentos que o filósofo utiliza ao afirmar que a natureza da ação humana sofreu graves alterações em sua essência, assim também como apontar –ao menos introdutoriamente- quais foram os fatores que corroboraram tais mudanças; e na sequência analisar em pormenores os

argumentos que Jonas arrola para sustentar a tese da limitação da moral clássica perante esse atual agir, foco principal da pesquisa.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, tomando as obras de Hans Jonas como fonte primária. Em um segundo momento buscou-se o amparo na literatura especializada no tema para análise de determinados aspectos no desenvolvimento do trabalho. Os objetivos dessa etapa da pesquisa foram alcançados por meio da leitura, interpretação e crítica dos textos fundamentais de Hans Jonas, especialmente da obra “O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como ponto de partida, Jonas procura demonstrar a transformação da ação humana comparando a ideia de técnica para a antiguidade com a moderna compreensão da mesma - assim como a diferença entre os impactos gerados. Nesse sentido, o autor elucida que a *techne* praticada pelos povos clássicos em suas incursões pela natureza, eram apenas medidas para compensar certas necessidades frugais de suas comunidades, não havendo assim, uma ambição pelo progressivo domínio da natureza, característica fundamental de nossa civilização tecnológica. Enquanto na antiguidade o *ethos* humano se revelava como superficial e inócuo demais para ameaçar a integridade e equilíbrio de um planeta tão imenso – ao viés antigo, quase que inesgotável –, de forma contrastante a esse comportamento rústico e frugal de ação, a *techne* praticada na sociedade moderna extrapola todos esses limites, e além da natureza ser violada em sua essência e equilíbrio, não obstante a essência do caráter humano também tornou-se objeto de (re)configuração dessa prática.

Outro ponto crucial que evidencia a diferença mencionada entre o arcaico e o atual agir cívico, é o fato de que a velha tradição ética não associava o exercício da *poiesis* (produção) ou *techne* à uma forma de manifestação da liberdade humana. Pois para os pensadores desse tempo essa prática tratava-se apenas de uma resposta à uma necessidade material, logo o fabricar/inventar – como era entendida a técnica – não se adequava ao campo da teoria moral. Se, ao que precede a revolução industrial, a técnica era apenas um tributo prestado à necessidade, para o homem contemporâneo ela é a mais significativa tarefa. O *homo faber* adquiriu o primado sobre o *homo sapiens*. A dominação da natureza por via da tecnociência transforma-se no projeto nuclear das sociedades contemporâneas. Desse modo, a técnica não é apenas um meio de possibilidade

para um fim, mas “[...] um progresso que se autojustifica como fim precípua da humanidade, em cuja perseguição engajam-se o máximo esforço e a participação humanos” (JONAS, 2006, pag. 35). Este ideal tecnocrático tem como fundações históricas o advento da revolução técnico-científica, onde perseverava categoricamente, a aspiração ambiciosa de um progressivo saber humano sobre a natureza, saber esse que procederia em poder sobre a mesma; tal como foi sentenciado pelo pensador Francis Bacon, com a expressão: “saber é poder”. No entender de Jonas esse poder é diagnosticado como exploração predatória da natureza por via da técnica, que nesse raciocínio progressivo, amplia-se de forma incomensurável.

E como consequência lógica deste ilimitado poderio do *homo* para com a *physis*, resultam os inumeráveis problemas ecológicos. Mas não se limita apenas ao cenário material a objeção de Jonas, pois não se trata “[...] apenas do destino do homem, mas também da imagem do homem, não apenas de sobrevivência física, mas também da integridade de sua essência [...]” (JONAS, 2006, pag. 21)

No que tange a crítica enunciada por Jonas em relação às éticas da tradição, dois aspectos se caracterizam como basilares acerca da mesma, o antropocentrismo e a simultaneidade ética. Pontos estes que para Jonas situam-se como centro de gravidade de todos imperativos éticos até agora proferidos, e que a partir do filósofo são colocados em xeque, tendo em vista a mudança da natureza do comportamento humano, tecnologicamente potencializado.

De acordo com sua análise, primeiramente é constatado que a estrutura das tradições éticas se limitava exclusivamente à esfera do agir humano relativo em si, isto é, ao cenário das relações intra-humanas (homo-homo), no qual “A significação ética dizia respeito ao relacionamento direto de homem com homem, inclusive o de cada homem consigo mesmo; toda ética tradicional é antropocêntrica” (JONAS, 2006, pag.35). O extra-humano não era levado em conta no que concerne à moral; até então era nítido a desconsideração da natureza enquanto propriedade do plano ético humano; logo, a tradição ética conservou-se ao longo dos tempos, reduzida ao homem, e não obstante à esfera da *polis*.

Na sequência, inobstante a esse entrave da moral tradicional, onde só a esfera humana é considerada em sua reflexão, agrega-se ainda o fator problemático do imediatismo ético; onde a área de alcance dos postulados éticos ficam reduzidos ao tempo presente, ao aqui e agora, em um limite reduzido não apenas temporalmente mas espacialmente. Tendo em vista essa redução temporal-espacial do foco de abrangência da moral clássica, não só todo o extra-humano, ou seja, a natureza, a biosfera é desconsiderada, mas também “a condição global da vida humana e o futuro distante, inclusive a existência da espécie” (JONAS, 2006, pag. 41), não eram atingidos pelas curtas perspectivas nas quais se fundamentavam as conjecturas éticas. Destarte, é neste confinamento ao círculo imediato da ação que era regida toda moralidade tradicional, os objetos das relações éticas são sempre o próximo nunca o longínquo - geograficamente -, que dirá as gerações futuras que estão por vir.

4. CONCLUSÕES

Como vimos a técnica para a ética clássica não era associada a uma forma de manifestação da liberdade humana, dessa forma, não se adequava a esfera ética; isso se justificava pelo fato de, naqueles tempos, a *techne* tratar-se meramente de uma compensação de necessidades; todavia, em nossa civilização tecnológica, com a apoteose das ciências biotecnológicas, com a globalização da transgênese, da manipulação genética não somente na vida vegetal e animal, mas também humana (eugenia por manipulação Biogenética), do controle comportamental humano por meio de agentes químicos e intervenção cirúrgica cerebral, enfim, novos problemas que evidenciam a obsolescência de nossa velha teoria moral acerca dos desafios da era técnica. É nesse sentido que é possível ratificar que “A ameaça, propriamente dita, já atingiu a essência do homem” (HEIDEGGER, 2002, P.30); Até mesmo no que diz respeito a uma de nossas poucas certezas, a certeza que sentenciou Heidegger, do homem como “Ser-para-a-morte”, não é possível mais assegurar-se, tendo em vista, os progressos da biologia celular e o prolongamento indefinido da vida. Diante disso, é legítimo questionar: até que ponto admitiríamos, que o âmbito da *techne* atual, seria moralmente neutro? O avanço tecnológico tem incontestavelmente implicações éticas; perante esses novo paradigmas, urge colocar o problema da tecnologia e da ciência no cerne da reflexão filosófica e ética, pois a ação/práxis humana já não pode mais ser cogitada sem a técnica e sem o saber científico. Nessa ótica, a ética da responsabilidade de Hans Jonas aspira colaborar para uma revisão e reformulação dos princípios norteadores. E para isso, muito mais importante do que uma crença inocente no progresso ilimitado, é éticamente decisivo, uma postura de temor e de modéstia perante o poderio imperioso que o *Homo Faber* tem em suas mãos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora universitária São Francisco, 2012.

JONAS, H. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

_____. **O princípio Vida: Fundamentos para uma biologia filosófica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **Técnica, medicina y ética: La práctica Del principio de responsabilidad**, Barcelona: Paidós, 1997.

SANTOS, R. D. *et alii* (Orgs.). **Ética para civilização tecnológica: em diálogo com Hans Jonas**. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2011.